**DO DIACONADO AO SERVIÇO DOS SEM-NADA**

A expansão acelerada do diaconado no mundo e a contínua diminuição dos padres, que continuam em decréscimo significativo, tem colocado o diácono como uma espécie de reserva para serviço da igreja, quando não existem padres. Em Portugal, sente-se mesmo um “confinamento” dos diáconos, tentando afastá-los de qualquer espécie de serviço. Não significa, porém, que seja o que todas as dioceses do país fazem; no entanto sente-se que os diáconos não deveriam existir, ou então seriam como “moços-de-recados” do patrão, que é o pároco ou, mesmo, o bispo. Afirmar que é esta uma situação que muitos diáconos vivem em Portugal, não é de forma nenhuma uma acusação, mas não seria sério, nem ético, nem sequer cristão, não denunciar de forma clara o que se está a passar no meu país. Os diáconos não querem substituir os padres, embora existam muitos que, legitimamente, poderiam ser bons presbíteros, se fosse possível o casamento. Ainda não o é, por infelicidade da Igreja, e felicidade de tantos padres, bispos e cardeais.

O diácono, também chamado de permanente, tem o seu lugar na Igreja e tantos diáconos deram a sua vida por ela. O diácono é um homem – esperemos que em breve possa ser também uma mulher -, que se dá na sua saída à rua, qualquer que ela seja. No seu sacramento ele sabe que a Palavra de ser presente aos mais inseguros e aos mais frágeis. O diácono sabe que a Terra Mãe precisa dele para a defesa da Criação. A Igreja do diácono e o seu púlpito é junto àqueles e àquelas que não têm vez e nunca terão voz. Neles se faz acontecer o Evangelho da Vida, que Jesus viveu. O diácono abjura as “sacristias” onde “coca-bichinhos” existem em demasiado número, todos subservientes a alguns senhores padres, com horas de atendimento. E, mais, que são os sabedores dos preceitos da Fé e a salvaguarda da Inquisição, agora mesclada com outras roupagens. Talvez Umberto Eco no seu livro “O Nome da Rosa” tenha compreendido a situação atual do diaconado em Portugal, e escrito aquele belo livro. O diácono não é, nem pode ser, um “servo” do padre, mas um Servo de Deus, e que encontra Este no âmago daqueles e daquelas que estão desiludidos da vida e com os quais as belas instalações paroquiais, abertas das tantas às tantas, nunca serão anúncio do Evangelho de Jesus, que não tem onde reclinar a cabeça.

Que seria a Igreja sem Francisco de Assis, um diácono ao serviço da Humanidade, que nos deixou no seu cântico a certeza de que a diaconia se vive nos altares dos “sem-nada”, altares puros do corpo e sangue de Jesus, tantas vezes vertido pela própria Igreja institucional. O diaconado nunca poderá ser compreendido, como não foi Francisco de Assis, nem é agora Francisco de Roma. O diácono está para os “sem-nada”, nunca poderá estar ao lado de quaisquer poderes sejam eles de que origem for; o Evangelho não é um poder, o serviço aos “sem-nada” não é um poder, porque quando se transforma em “poder-fazer” deixa de ser uma dádiva da vida. Que fale o diácono Francisco de Assis quando há centenas de anos predisse o que hoje vivemos, e o que passou este diácono perante os poderes de então, um “confinamento” pior que o do COVID -19.

Que seria da Igreja sem o diácono Filipe (Atos dos Apóstolos 8,26) que, não ao mando dos poderes, nem sem lhes perguntar nada, foi ao encontro do eunuco, senhor poderoso, explicou o que se estava a passar e o batizou. Nem creio que este batismo estivesse no livro respetivo registado – não sou contra o registo, clarifique-se -, nem creio que o “pároco” da área tivesse dado consentimento, esse poder veio do Espírito do Senhor, que atua, independentemente dos poderes constituídos, mesmo religiosos, tantas vezes comandados por quem tem uma apetência por eles.

Que seria da Igreja sem o diácono Estevão, morto à pedrada, até com o beneplácito daquele que viria a ser São Paulo, só porque anunciava a Boa Nova dos “sem-nada”. Estevão não teve medo das pedradas, nem se escondeu nas “sacristias”, mas levantou a sua voz e perdoou aos algozes.

Os diáconos possuem a caraterística de serem os sem-poderes, para estarem juntos aos “sem-nada”, só quem não tem poderes consegue compreender o que é a (com) paixão, o que é estar no altar das vielas e dos becos, dos que não têm livros, até porque não sabem ler.

Aí, fora das catedrais, estaremos juntos das catedrais humanas, que por nós clamam, em nome de Jesus morto e ressuscitado.

**Joaquim Armindo**

**Diácono – Porto - Portugal**